

Os desafios das IES num contexto de especialização inteligente e digitalização da economia: competindo através da sua Terceira Missão



Luís Farinha
Professor Adjunto
Escola Superior
de Gestão
Instituto
Politécnico de
Castelo Branco

Luis.farinha@ipcb.
pt

Decorrente da Política de Coesão da Comissão Europeia em matéria de Estratégias de Inovação Regionais e Nacionais para a Especialização Inteligente (RIS3) na Europa, a Estratégia de Investigação e Inovação para uma Especialização Inteligente (EI&I) em Portugal, congrega as estratégias regionais de especialização inteligente (EREI) de cada um dos sete territórios abrangidos pela NUTS II - Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos: Norte, Centro, Área Metropolitana de Lisboa, Alentejo, Algarve, Região Autónoma dos Açores e Região Autónoma da Madeira.

A EI&I resulta de uma cooperação entre o Ministério da Economia e o Ministério da Educação e Ciência, consubstanciada num Grupo de Trabalho - composto pelo IAPMEI - Agência para a Competitividade e Inovação, I.P, a FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, apoiados pela AdI - Agência de Inovação e pela Autoridade de Gestão do COMPETE, nomeado em julho de 2013. Envolvendo inicialmente as Secretarias de Estado do Empreendedorismo, Competitividade e Inovação e da Ciência, juntam-se num segundo momento os Ministérios da Agricultura e do Mar, Ministério do Ambiente, Energia e Ordenamento do Território, e da Justiça. Em paralelo, foi estabelecida a cooperação e articulação com as Comissões de Coordenação de Desenvolvimento Regional (CCDR) e os Governos das Regiões Autónomas. A construção da EI&I e em particular a EREI, está prioritariamente centrada na reflexão estratégica dos stakeholders regionais, oriundos em partes iguais da Academia e das Empresas. Na base dessa reflexão conjunta, encontram-se duas questões centrais: (1) quais as capacidades que emergem para a promoção de sinergias que potenciem a criação do conhecimento, a inovação e a progressão nas diversas cadeias de valor?; (2) quais as medidas e instrumentos de política a mobilizar para uma intervenção pública eficiente?

Como resultado do primeiro diagnóstico efetuado, constatou-se, de uma forma global, que entre as principais forças assinaladas, emerge a existência de uma importante infraestrutura de suporte à inovação; a existência de *clusters* estratégicos em setores competitivos, tais como o agroalimentar, as indústrias de base florestal, o setor dos moldes metálicos para injeção de plástico, e das interações com o setor automóvel, aeronáutica e espaço, com elevado potencial de crescimento em termos de criação de emprego e riqueza; a estrutura económica regional com áreas de especialização tradicionais capazes de adaptar a sua diversidade a múltiplos sectores de atividade; a competitividade

turística; a disponibilidade de recursos naturais e energéticos endógenos; a existência de capacidade e qualidade no ensino superior e o crescimento sustentado da produção científica nacional em todos os domínios científicos e tecnológicos; o aumento da utilização de TIC e de infraestruturas de telecomunicações. Por outro lado, o fraco crescimento económico associado a uma perda de dinamismo e a fortes assimetrias intrarregionais; o ainda baixo nível de qualificação da população com impacto direto nos baixos níveis de produtividade; as debilidades colaborativas entre as instituições de investigação e as empresas; as debilidades no financiamento das empresas para suporte à inovação, à internacionalização e ao empreendedorismo; ou a elevada burocracia e complexidade administrativa compõem o quadro das principais debilidades identificadas. Numa perspetiva transversal, a visão estabelecida para 2020 é a que "Portugal deve consolidar ou fazer emergir a sua liderança na economia verde, na economia digital, e na economia azul através da utilização e desenvolvimento das vantagens adquiridas em tecnologias de informação e de comunicação e em novos materiais, e da exploração sustentável dos recursos endógenos, nomeadamente do mar, da floresta e minerais. Prioridade será dada aos grandes desafios sociais como as alterações climáticas, para mitigação dos riscos, a biodiversidade, a água, e o envelhecimento." Assim, o reforço das Capacidades de Investigação e Inovação e Desenvolvimento das ligações e sinergias entre o Tecido Empresarial nos seus diferentes setores ou *clusters* estratégicos e a Academia é globalmente assumido como uma prioridade, não meramente no plano global nacional, mas com especial importância ao nível local e regional. Estas sinergias devem estar focadas nas estratégias de especialização inteligente dos territórios, fomentando o desenvolvimento de projetos de descoberta empresarial, de modo a que os Fundos Estruturais e de Investimento Europeus possam ser utilizados de forma mais eficiente.

A abrangência e a complexidade dos diversos contextos regionais onde as Instituições de Ensino Superior (IES) se inserem, destacando a relevância do seu impacto económico, social e cultural, há muito que exigem uma capacidade de resposta além da sua primeira missão (assegurar uma educação nacional e internacionalmente reconhecida como sendo de elevada qualidade) ou da sua relacionada segunda missão (assumir um papel de relevo no alargamento das fronteiras do conhecimento, através das suas atividades científicas). A sua terceira missão faz hoje parte das expectativas dos seus *stakeholders* e suas interações sinérgicas para a inovação e o empreendedorismo, abrangentes à esfera política nacional, regional ou local, ao tecido empresarial, e à sociedade civil (conceito de Quadrupla Hélice).

Consciente da importância da sua terceira missão, o IPCB tem vindo a dar continuidade à sua estratégia integrada de ligação à comunidade regional, não só ao nível do plano Educativo e de reforço da sua capacidade de Investigação, Desenvolvimento e Inovação (I&DI), como também ao nível da participação nas redes da Quadrupla Hélice, envolvendo parceiros regionais, nacionais e internacionais, sendo hoje um membro ativo dos ecossistemas regionais de inovação e empreendedorismo. A destacar o seu envolvimento como parceiro estratégico na maior rede de empreendedorismo ao nível do Ensino Superior Politécnico em Portugal - O projeto Poliempree; a sua participação em estudos técnicos, como é o exemplo do estudo em curso, relativo à avaliação integrada do impacto dos Institutos Superiores Politécnicos (ISP) nas suas regiões de inserção, abrangente a treze IES em Portugal; o desenvolvimento de Cartas Educativas Municipais; a

organização e dinamização de conferências internacionais, como é o exemplo da Regional Helix, nesta sua quarta edição centrada nos ecossistemas regionais de empreendedorismo e sustentabilidade, envolvendo hoje investigadores, tecnólogos e empreendedores de vários países. Não menos importante no contexto da sua terceira missão, o número e qualidade dos projetos regionais, nacionais e internacionais, coordenados e/ou participados pelo IPCB, dando provas de reconhecido mérito. Quanto ao futuro, os desafios serão inúmeros e as incertezas, por ventura, se multiplicarão. Porém, uma reflexão me parece convergente: vivemos a era do conhecimento e da digitalização, alicerçada por uma forte aposta da Europa e organismos de governação regional, centrada na Especialização Inteligente dos Territórios. As expectativas dos *stakeholders* regionais relativamente às IES vão muito além das atividades oferecidas através da sua primeira e segunda missão. O reforço participativo nas redes de cooperação da Quadrupla Hélice e Ecossistemas Regionais de Inovação e Empreendedorismo, ditarão, através do profundo conhecimento das necessidades territoriais, das sinergias entre parceiros, do acesso e partilha de infraestruturas e do acesso facilitado a fundos estruturais e novas formas de financiamento, uma nova vantagem competitiva global. Nesta vantagem competitiva, incluem-se a capacidade de atração de pessoas para um interior crescentemente despovoado e envelhecido, a geração de emprego, criação de riqueza e melhoria do nível de qualidade de vida dos mais resilientes e daqueles que acreditam e lutam por um futuro sustentável. Em suma, “*petit à petit l’oiseau fait son nid*”, ditado francês que significa: <<pouco a pouco faz o pássaro o ninho; muitos poucos fazem muito>>.